

~~Carta antiga de uma jornalista~~ CMP 2.1.9.180-1
~~Uma velha carta de~~

Alco Maria de Nello Pupo

Ha mais de sessenta anos, em dois de dezembro, num jantar, comemorava-se o aniversário do dono da casa. Era uma vasta residência, no canto de uma quadra cheia de arvoredo, fruteiras preciosas, flores variadíssimas e muito apreciadas no fim do século, residência que bem caracterizava o bom gosto daquela gente; fazia frente para uma praça, com grade e amplas janelas, entrada pelo longo pretório que deitava a sacada para o jardim, e fazia esquina para a rua Duque de Agostinho com as numerosas aberturas que davam, ao prédio, classe entre as alegres e luminosas residências da época, ricas de adornos, mobiliário e obras de arte, cheias de luz, musicadas pelo cantar dos pássaros, pródigas em iguarias, em frutas brasileiras e vinhos franceses dos mais puros.

Alguém que não estava presente ao jantar, lá do Rio de Janeiro reconstituía a festa, de imaginação, e a descrevia em carta rimada de parabéns e notícias:

"Guilherme

E' com saudade bem viva que eu agora me lembro ao ver a data festiva, o grande dois de dezembro dos outros anos passados em que eu aí em Campinas, fiz uns "menus" mal rimados

e ajudas às meninas, não a fazer os sequilhos, detesto tal adjutório, mas a fazer trocadilhos e a provocar falatórios. Já vejo os teus convidados que vão aí cada ano, à tua mesa sentados: Sales, Eugênio e Adriano; e do outro lado da mesa, sentada ao pé de Sinfrá, a comer tudo a francesa, daqui estou vendo Salá; só eu não como o jantar, nem sobremesa, nem nada, até ~~recio~~ ficar de lombrigueira assustada O'espíngarda tão linda, bolo de côco, manjar, doces de St. Lucinda, eu não vo posso provar".

Depois, nos conta esta carta o que se passava no Rio, justamente ao empossar-se na presidência da República o campineiro Campos Sales. O relato, ainda rimado, tanto tem de espírito como de interesse para Campineiros que, talvez, já oblide o juízo pelos triunfos do filho querido:

"Cá andou tudo em folia, o povo todo contente, festas à noite e de dia, quando saiu o Prudente; dizem que ao Santo Marão ha gente reconhecida, mas, pelo sim pelo não, vão festejando a saída; e renascem a esperança de um tempo livre de males; já re-petida a

mestrança ao lado do Campos Sa-
les que vem risondo e pacholá
com ares muito corveto mostrando
ter na cachola inumeráveis pro-
jetos. Enquanto vai-se o Prudente
como qualquer cascabello, anda
ele sempre imponente, sempre
fazendo barullo e num conti-
nuo mostrar de novos trages mo-
dernos; chega a fazer-me lem-
brar o outro Sales, o dos ternos.
Enfim não acho que o luxo
possa vulgar-se um defeito,
desde que aquente o repuxo,
faça-lhe lá bom proveito.

Harando tantos festijos, fes-
tas tão belas, tão várias, apenas,
tive desejos de apreciar lumina-
rias; e não será nada estranho
que o meu mau gosto tu notes,
porem, assim em rebanho, eu
nunca vira holofotes; e vim da
praia contente e a me sentir des-
lumbrada; foi uma festa impo-
nente essa que foi realisada.

Nada mais vendo de no-
vo, parar aqui é preciso e abra-
çando esse povo e ainda a ti,
finalizo.

Alex "

Alex e Marquezia de Marilá eram
pseudônimos de D. Alexandrina Silva Couto
dos Santos, poetisa, prosadora e trocadi-

lhusa emérita. Nasceu em Viterbo, a rua del Rei, casa então sob o número 32; viveu muitos anos de sua vida em Campinas onde faleceu em abril de 1935. Quando a conheci, já idosa, ainda dispunha da sua viva inteligência, ainda encantava pelo seu espírito em ~~debater~~ constante ^{loquela} de versos e trocadilhos, como reminiscências de um passado de brilho, de atividade nas letras e nas palestras, destacando-se num grupo fraterno de gente de valor.

A carta rimada que chegou até nós, escrita do Rio para o irmão Guilherme (Dr. Guilherme ~~da~~ da Silva) que em dois de dezembro de 1894 completava trinta e nove anos de idade, tem o sabor grotesco de suas produções e com chiste nos descreve detalhes de coisas campineiras. Faz referência à intervenção que teve a missivista nas festas anteriores, nomeando os convidados, Sales, Eugênio, Adriano que são figuras do passado campineiro, com relevo e benemerência.

Sales, é Raul Gonçalves de Sales, baiano de nascimento, farmacêutico fixado em Campinas, proprietário da farmácia do Fango da Catedral onde está hoje o Términus, nos baixos do velho sobradão que pertenceu ao Major Francisco de Campos Andrade, abastado e importante fazendeiro e ramo de uma das mais nobres famílias da terra. A farmácia do Sales era ainda a "bigor,

na" do grupo, diariamente reunido e sempre amigo, e consultório médico como então se usava. Sen Sales que se trajava muito bem com numerosos e bonitos ternos de roupa, enriqueceu, tinha para sua residência o prédio da rua Francisco Glicério esquina da Ferreira Penteado (ainda existente) e possuía outros imóveis que legou à Santa Casa, fazendo o seu nome abençoado pela sua caridade.

O Eugênio, como nos conta a cronista culta e campineira Camilla Barbosa de Oliveira (O. Camillota) era um Barbosa de Oliveira, engenheiro nascido em Paris, residente no Rio e com demoradas passagens por Campinas; casado primeira e segunda vez com duas Sanggaard, ~~note~~ ^{este} nome ligado com brilho à história de nossa terra.

Adriano de Barros era médico, como o amigo, conhecidíssimo e muito benquista em Campinas onde foi sacerdote na profissão; mudou-se mais tarde para São Paulo tornando-se grande industrial, instituindo vultosos patrimônios ainda em mãos dos seus descendentes que se não esquecem da origem campineira.

Salá que sentava-se ao lado da dona da casa, era filha dos Barões de Itabela Nogueira e, como elemento das melhores famílias, educada ao gosto e requinte da época, com suas governantes francesas, versando esta língua de modo corrente,

usando modos e modas de Paris para onde viajara por prazer e maior apuro. Já então estava casada com Albino José Barbosa de Oliveira enquanto sua irmã, a linda Sr. Camila, se casara com ~~seu~~ irmão deste, Sr. Luiz Albino.

Depois são os doces da festa que impressionam a missivista. Com "água na boca" pelo primor da arte de Sr. Lucinda, doceira notável que tanto regala deu aos nossos aros. E a carta se estende pelas festas da posse de Campos Sales na presidência da República, agradecendo aos campineiros então exultantes com o conterrâneo quindado à mais alta posição governatória do país.

A família de Alex ha muito se havia ligado à Campinas: seu tio paterno, Sr. Luiz Gonçalves de Silva Vaz, aqui se radicou por muitos anos como médico de grandes serviços prestados à cidade onde lhe nasceu a filha Nícolina Vaz, a grande escultora à cuja apurada sensibilidade artística deve o Brasil magníficas obras de arte.

Alex era filha de Bento Gonçalves da Silva ^{nasceu em Macaé} Junior, onde seus pais, Bento e Rita Maria Gonçalves da Silva, residiam e eram proprietários da fazenda do Pin-doba e onde faleceram. Casou-se Bento Junior no Rio de Janeiro, na matriz de São Francisco Xavier do Engenho Velho, com Sr. Leonor Xavier Alves que residia e faleceu em Campinas, deixando cara

lembrança aos seus íntimos e o exemplo dado nos embates de sua virreza precoce com oito filhos.

Destes filhos, tres formosas joias polieram entre as idades de 20 e 25 anos. Dos remanescentes, o mais velho, Bento, foi abastado comerciante no Rio e ai ficou sua descendência; o seguinte foi o Coronel Pedro Guilherme Alves da Silva, brilhantissimo official do nosso exército, valoroso soldado falecido aos 42 anos de idade no posto para o qual havia sido promovido "por atos de distinta bravura", tendo em seus funerais verdadeira consagração aos seus grandes méritos.

Dentro da ordem cronológica, o filho seguinte foi o Dr. Guilherme Alves da Silva que doutorando-se ~~em medicina~~ em medicina no Rio de Janeiro, em 1878, passou logo a residir em Campinas para viver sua vida de medico notavel, culto, talentoso, poeta e literato, a se destacar pela solidez de sua competência e pelo seu temperamento jovial e animoso. A sua dedicacão desinteressada a todos que se valiam da sua ciência, o fez um dos mais estimados elementos de Campinas do ultimo quartel do século passado e da primeira década do presente. No dizer de contemporaneos seu "a cabeceira de um doente, a sua alegria empolgante e a sua serena confiança no próprio saber muito concorriam para levar aos mais desanimados a coragem

e a esperança". Havia mesmo pessoas idosas, cujos males não se curavam por meios da senectude, que o chamavam apenas para dar uma poção medicinal.

Pela sua benemerência foi o Sr. Guilherme agraciado pelo Governo Imperial com a comenda ^{imperial} de Ordem da Rosa. Faleceu ele em 1912, deixando oito filhos campineiros; sua descendência o honra pelo caráter e pela inteligência, sendo seu neto materno Guilherme Figueiredo, o teatrólogo brasileiro e campineiro de maior renome mundial na atualidade.

Na irmandade, a seguir, nasceu Alex e depois sua irmã caçula Sr. Ana Alves da Silva Fapa, de rara formosura, casada em tradicional família de Campinas para aqui deixar toda a sua descendência.

Alex, Sr. Alexandrina ou Marquesa de Mailá, destacou-se entre os talentos da família, com produções de prosa e verso. Ainda moçoinha já compunha jornaesinhos manuscritos para bisbilhotar com os parentes, amigos e conhecidos, com espírito, ora com dosada malícia, jovial e alegre, perspicazmente alertando nos casinhos de amor, nas paixões das moçoilas, nos diz-gue-disse sociais, levando a palma dos cronistas pela graça e inteligência e dando-nos tiradas como esta, "em 'A Lucha' de 10-2-1878: 'Gramática - O acento é um sinal que se coloca sobre algumas palavras como,

por exemplo, sofá."

Como Marquesa de Mailá, deixou muitas máximas dos quais temos à mão:

"A mulher nunca deve guardar o dinheiro do marido para que ele não se habitue a chama-la sua buroa".

"Ha homens tão loucos que julgam impossível haver um dia de juizo".

"Todos querem ganhar dinheiro fingindo-se às vezes cegos quanto à origem dos lucros; pois até a justiça já põe uma venda".

"Ha homens tão destituídos de ambigão que quando lhes morrem parentes, são herdeiros forçados".

"O homem deve escolher para casar-se uma mulher clara, para que o futuro não lhe pareça negro".

"Tantos homens se queixam da avareza da mulher, no entanto existem muitos que precisam de uma vara para corrigir seus desmandos".

No seu temperamento vivo e alegre, seu versegas era fluente e espi-rituoso, deixando-nos sonetos cheios de "venne" como o que elle intitulou "Grandeza d'alma".

Certo senhor costumava
dar tudo quanto podia.
Nunca dinheiro negava
ao pobre que lho pedia.

Dar; sempre dar; lhe ditava
a sua grande mania.
Não; que sem dar não passava
mesmo que fosse um só dia.

Via seu dinheiro acabar,
mas, ai, somente na cora-
ha de a mania deixar.

Nunca a fortuna renova,
poem não cessa de dar:
dá na mulher cada sora!

A Marquesa de Marilá colabo-
rou na imprensa de Campinas ^{do Rio e de outras cidades deste Estado,} observan-
do modas femininas, hábitos da época
e a política do país que bem lhe ser-
via para pilhérias e trocadilhos. Em
1909 estava o governo da República ocu-
pado, na presidência por Afonso
Augusto Moreira Pena e no ministé-
rio da justiça por Augusto Tavares de
Lira. Alex em sua defesa e para ^{uma crítica, na}
~~uma edição, ^{habitual facécia,}~~ escreveu argutetas
de uma discussão entre um republicano
e um monarquista decendente dos próce-
res republicanos, ~~para~~ terminando com
este trecho pavoroso:

"o partidário da República em

merava os homens de reconhecida
capacidade moral e intelectual
por ela pronto a sacrificar-se;
pareceu-me que com ele estava
a razão, e lembrando as insis-
tentes afirmativas do outro, fi-
quei a resmungar entre dentes,
saber que a pobre pequena
não tem adeptos! Mentira!
Por ela o Afonso pena
e o Tavares delira".

Ja n'ella, quando os pezares da
vida vão calando mais fundo, os can-
tares da poetisa tomaram^{am} cambiantes
enumerados como os formosos tercetos
finais de soneto de sandaçaõ a um
pregador de retiro^{de retiro}, o Padre Levisnani,
grande e erudito jesuita, ao qual san-
don com este pecho

"Vossa palavra que a verdade exprime,
derrama em nossa alma tanta luz
que o nosso peito opresso desopprime.

Vós nos fazeis seguir o bom Jesus,
e assim, seguindo a cruz que nos pediram
mais leve nos parece a nossa cruz."

E como lamento de sua al-
ma nas horas soporíferas, ficou o seu
triste choro, o soneto "Treze de dezembro":

"Foi neste triste e malfadado dia
que eu conheci a dor e a desventura;
vi de meu pai a honrada agonia,
vi seu corpo baixar à sepultura.

Anos se passam; e uma atroz tortura
da-me, de novo, a data tão sombria:
Rouba-me o esposo amado com ternura,
leva-o também p'ra eterna noite fria!

Alta fatal, cruel e sem piedade!
Men pobre coração que mal te fez
p'ra ser ferido assim mais de uma vez?

Tu foste de uma micrinel crueldade:
Trazeste-me os horrores da orfandade
e as tristezas sem fim da viuvez!